



## Uma tarde antes do caos

**Raquel Teles Yehezkel\***

Belo Horizonte, Brasil

raquel.yehezkel@gmail.com

Foi uma sexta incomum, a tarde de 6 de outubro... Já havia passado Rosh Hashaná (Ano Novo judaico), Yom Kipur (Dia do Perdão) e com aquele por de sol entrávamos no Shabat e também último dia da semana de Sucot (Tabernáculos) que finda sempre com a celebração de Simchat Torah, marcando o início de um novo ciclo de leitura da Torah em todas as sinagogas de Israel e do mundo.

Havia um clima festivo em todo o país. Uma tarde tão linda e inquieta que decidimos, nós e todo *am Israel*, sair para conhecer a recém-inaugurada pista de caminhada e ciclismo que ligava a praia de Tel Baruch, ao norte de Tel Aviv, à praia Hatzuk, de Ramat Hasharon. Um sonho acalentado por décadas. Estava lotado, as crianças estavam de férias e muitos adultos também, era fim de verão e Israel apresentava-se ali linda, feliz e promissora.

No trabalho, no Instituto Guimarães Rosa em Tel Aviv, iniciaríamos na segunda-feira, dia 9 de outubro, novo semestre escolar com 50 alunos inscritos para os cursos de português; em 12 de outubro, realizaríamos as III Olimpíadas de Português para 19 crianças inscritas; no dia 24, haveria a aplicação do exame Celpe-Bras de proficiência em português, para 3 candidatos inscritos. O novo ano parecia promissor...

Planos jogados ao vento... pois nada nada nos prepararia para o amanhecer do dia seguinte... O dia 7 de Outubro de 2024...

Enquanto inaugurávamos novo calçadão e sentávamos às mesas para receber o Shabat, milhares de jihadistas se preparavam para executar um pogrom... Não dormiram, pois às 6h da manhã já haviam invadido, em estado de êxtase, o sul de Israel.

Um exército formado por mais de dois mil soldados e seguidores do Hamas entraram armados naquele dia arrombando a fronteira que separava Israel de Gaza, iniciando uma guerra. Outros milhares se preparavam em Gaza para disparar baterias de mísseis e receber mais de duas centenas de reféns israelenses, vivos ou mortos, seminus, descalços, arrastados de suas camas, suas casas, seus carros, de um festival de música para túneis, casas, hospitais e pelas ruas de Gaza em festa... Enquanto Israel

---

\* Professora, graduada em Letras e pesquisadora do Núcleo de Estudos Judaicos da Universidade Federal de Minas Gerais.



dormia em berço esplêndido e despertava em letargia ao som de insistentes sirenes e foguetes... Enquanto sua gente perdia suas vidas e clamava por socorro...

Meses se passaram... Mas, para nós, naquele dia havia começado um outro calendário, contado a partir dos trágicos acontecimentos que nos marcariam para sempre naquela manhã nefasta. Assim, estamos agora há "x" dias do 7 de Outubro... Vivendo, desde então, um pesadelo coletivo. Traumas, histórias particulares e coletivas que jamais imaginei vivenciar um dia - ouvir sirenes e esperar pelas explosões, acompanhar diariamente depoimentos de vítimas e de familiares dos sequestrados e dos combatentes, descobrir que a segurança é uma linha muito tênue, que a maldade latente vive tão próxima e sentir o antisemitismo tão vivo...

Desde aquele dia, cerca de 120 mil israelenses foram deslocadas de suas casas nas fronteiras do sul e do norte, tornando-se refugiados em seu próprio, pois não podem ou não têm para onde voltar...

Uma vez, questionada sobre a triste situação dos civis em Gaza, respondi: Me dói a perda de cada vida inocente, daqui ou de lá, a dor é uma só... Se eu perder oito filhos e você perder dois, a sua dor é menor que a minha? Há muita dor na guerra e estamos todos dentro dela.

Mais de 12 mil mísseis foram lançados contra Israel pelo Hamas, o Hezbollah e até pelos Houthis do Iemên, país distante, sem fronteiras e sem história pregressa de conflitos com Israel... Pode parecer que levamos uma vida normal porque temos estruturas de abrigos e antimísseis, mas e se Israel não tivesse desenvolvido o melhor sistema antimísseis do mundo, como seria?...

Mais da metade do exército de Israel é formada por reservistas. Neste momento cerca de 400 mil israelenses comuns, pais de famílias, médicos, engenheiros, músicos, professores, empresários, profissionais liberais deixaram suas famílias e seu trabalho e se juntaram às forças de defesa do país. Cada um que morre é um mundo que se desmorona, famílias e amigos vivendo lutos sem fim. Por isso conhecemos bem a dor do outro, a dor de pessoas comuns como nós. Mas neste momento estamos cuidando das próprias feridas, esperando que cada um dos nossos reféns e dos nossos soldados retorne com vida, e que guerra chegue logo ao seu fim...

As imagens da nova pista, naquela tarde de 6 de outubro, vistas agora, parecem de um tempo distante, banhadas por traumas que permanecem no cotidiano de muitos, por anos e até gerações, pelo pai, pela mãe, pelo filho ou filha, parentes e amigos que não voltaram ou que voltaram feridos física ou psicologicamente...

Parece que perdemos a proporção da vida; as dores são tão grandes e reais que não nos sentimos no direito de sofrer dores "menores", como a de um ente querido temporariamente distante ou a perda de um animal de estimação... Nem no direito de



comemorar aniversários, casamentos, nascimentos... A vida continua, os aniversários, casamentos, nascimentos também, mas como que em ponto morto, na força da inércia, na certeza de que devemos seguir.

Nos tornamos tão sensíveis que a simples visão de pais e filhos juntos na rua comove... A vida tomou um outro rumo, uma outra dimensão... E os números, incapazes de traduzir sofrimento...

-----  
Israel, 7 de janeiro de 2024.

-----  
Enviado em: 10/03/2025

Aprovado em: 30/04/2025